

INDIOS ARAWETÉ

- Notas/impressões dos PP. Frederico Tschol C.PP.S. e Salvador Saiu S.X.
- Data da visita (no Rio Ipixuna): de 27 de junho a 6 de julho de 1983.
- Outra visita foi realizada de 15 a 22 de novembro '83 pelos mesmos PP.

1. A ALDEIA

A aldeia dos Araweté está situada na beira esquerda do Igarapé Ipixuna, aproximadamente uns 30 km. do Rio Xingu no qual o igarapé desemboca, num lugar chamado de "Paissandu".

O Ipixuna é atravessado em muitos lugares por lajeiros que impedem a água passar no período da seca, no inverno formam perigosas cachoeiras.

De Agosto em diante a passagem de água nestas barreiras é nula. Tudo isso significa que a aldeia é acessível pelos barcos só no inverno. O resto do ano a aldeia fica isolada e impossibilitada a receber mercadoria.

Há cerca de um ano existe perto da aldeia uma pista de pouso que permite a aterrisagem de monomotores.

O monomotor com o qual nós viajamos gastou 45 minutos de voo de Altamira. A aldeia mais próxima, a dos Assurini do Koatinemo, fica a uma distância aérea de 50 Km., cerca de 15 minutos de voo. Entre os dois povos não há comunicação. Até a língua parece diferente, apesar de ser ambos os povos de língua "Tupi".

A aldeia dos Araweté, contrariamente à dos Kaiapó (construída em forma redonda), aparentemente parece construída sem nenhum plano ou simetria. Mas parece que isso não corresponde à verdade...

Tivemos a impressão que as famílias da mesma parentela têm as casas que convergem na mesma pequena praça onde se reúnem, comem, dançam... Na aldeia há umas seis ou sete destas praças.

A aldeia é conservada sempre bem limpa.

As casas originais são totalmente de palha, mas já a maioria são de taipa, quase todas sem janelas e com portas baixas e estreitas. Vimos portas de 1 metro X 50 cm. ! Será que é para se defender dos animais e do frio da noite?

As casas da aldeia são 45, situadas entre numerosos mamoeiros e urucuzeiros.

Também o índio Araweté gosta de animais; contamos umas 30 araras com casa própria; as crianças brincam com cutias, periquitos e outros pássaros. Não há cachorros na aldeia; o único é dum atendente da FUNAI.

A FUNAI instalou dois fornos de metal que os índios usam para torrar o milho seco.

Há também motor da luz, bomba d'água, dois motores 'rabudos' e um motor 10/12 de popa usado só no inverno.

Para beber e cozinhar, os índios se servem de três olhos d'água.

2. POPULAÇÃO

Na aldeia do Ipixuna estão presentes atualmente 136 mais um que nasceu durante a nossa estadia; 67 homens e 70 mulheres.

Só três pessoas têm 70-72 anos. As outras, na maioria, estão com 35-45 anos de idade. A idade média atualmente é de 29,3 anos. Existem atualmente 43 famílias e 45 casas.

Do 1972 até hoje houve 11 abortos não provocados. Parece que o primeiro filho que nasce é morto mas não pudemos apurar a verdade do fato.

A criança que nasce recebe o nome só depois de um mês. Quem dá o nome a todos na aldeia é a mesma pessoa, não necessariamente o pajé.

3. O POVO

O índio araweté do grupo "Tupi", é um tipo de índio bem baixinho, feições delicadas, não muito robusto mas sadio. Não há nenhum doente mental e só há um alejado por queda de uma árvore.

A cor da pele é morena ou quase branca, semelhante ao tipo vietnamita ou coreano. Têm cabelo preto que cortam em forma redonda à altura das orelhas. Os dentes destes índios geralmente são saudáveis.

Tivemos a impressão que este povo araweté é inteligente e vivo, manso, livre de preconceitos, generoso, aberto e acolhedor.

Todo mundo nos oferecia comida de graça, nos convidava a sentar com eles; muitos nos visitavam na casa onde estávamos hospedados e ficavam lá sentados. Muitos deles, normalmente, oferecem carne de caça ao pessoal da FUNAI.

Povo simples e muito trabalhador, os Araweté vivem em paz e harmonia.

Não vimos uma briga, uma irritação, nem uma alteração da voz. Tivemos a impressão de equilíbrio, de paz em toda a aldeia.

Povo alegre: cantam frequentemente durante o trabalho e riem com muita espontaneidade...

Atualmente (Julho '83) estão vivendo num clima de tensão por causa dos índios Parakanã que por duas vezes atacaram a aldeia flechando a primeira vez o chefe do Posto da FUNAI e a segunda vez, em abril, duas moças e uma criança.

O medo dos Parakanã é tal que ninguém vai fora da aldeia sem espingarda e quando as mulheres vão tomar banho são sempre acompanhadas por um homem armado; quando vão na roça ou no igarapé, sempre tem espingarda e mesmo na aldeia a espingarda fica bem pertinho.

Todos os homens araweté possuem armas de fogo, que usam na caça e contra os Parakanã. As armas foram doadas pela FUNAI em troca de serviços prestados na construção da pista.

O povo Araweté tem pouco contato com a sociedade envolvente e por isso é bastante genuíno.

Dos adultos, ninguém fala e/ou entende português. Só umas moças e umas crianças falam um pouco a língua portuguesa.

Os homens geralmente andam nus; as mulheres vestem uma saia de algodão, tecida por elas que cobre da cinta até os joelhos. A saia é pintada de urucú e conservada no corpo com grande pudor. Por baixo da saia, as mulheres casadas usam uma tanga muito estreita.

Homens e mulheres pintam o corpo todo de urucú, começando dos cabelos até os pés. A pintura não tem nada de geométrico ou de estético. Não usam o genipapo, mas começam em usar (as mulheres) violeta artificial fornecida pelo pessoal da FUNAI.

Deu para notar um certo "prejuízo" à cultura destes índios — prejuízo devido às coisas levadas pelos civilizados, como por exemplo, fechaduras de portas que o índio nem sabe colocar, carrinho de crianças, vestidos e camisas, sapatos de plástico e chinelos, violeta para se pintar...

Por exemplo, havia uma casa com a fechadura pregada na porta mas a porta estava fechada e segurada com um cipó.

Já falamos que os Araweté são mansos e delicados...

Uma coisa que nos impressionou foi a maneira que os homens e as mulheres usam com qualquer pessoa. Falam baixinho, se aproximam da pessoa, a abraçam, palпам, acariciam as mãos e os braços.

Costumam se beijar frequentemente não somente entre homens e mulheres, mas também entre si.

Nos disseram que é uma maneira deste povo para se comunicar...

4. TRABALHO

A atividade principal dos homens é a caça, a pesca e o trabalho na roça. Vimos porém homens até fiar o algodão. Inclusive, eles constroem ótimas canoas, fazem arcos e flechas, lanças que usam para caçar e pescar.

A mulher recolhe, prepara e fia o algodão, teçe as saias e as redes para dormir. Ajudam também na roça; sobretudo, colhem o urucú.

Quase sempre o casal anda junto na roça e o homem é quem carrega a carga mais pesada. Tivemos a impressão que a mulher é muito respeitada e tratada com muito carinho.

As mulheres fazem também cestos de palha, pequenos, onde guardam a farinha de milho torrado.

Ainda se encontram na aldeia vasilhas de barro, feitas pelos índios, mas já estão sendo substituídas por panelas de alumínio.

Não há nenhuma produção ou extração que sirva para a exportação ou para a venda, em vista de receber dinheiro para comprar cartuchos, sabão, panelas e outras coisas que vêm de Altamira e que os índios estão se acostumando a usar.

Daqui, a queixa do pessoal da FUNAI que estes índios são preguiçosos, etc.... Nós podemos constatar que não é verdade.

O índio araweté, homem e mulher, nunca fica parado sem fazer nada. Só não tem a mentalidade de produzir para acumular e/ou vender.

Plantam e cultivam muito milho sendo o elemento básico da alimentação. Depois, macaxeira, batata doce, inhame... E, seja dentro da aldeia seja na roça, cultivam muito urucú usado para se pintar.

A FUNAI tem plantação de mandioca e de abacaxi que os índios não cultivam mas gostam...

5. ALIMENTAÇÃO

Tivemos a impressão de fartura na aldeia araweté. Talvez seja um período do ano favorável, mas continuamente os índios matavam caça (porcão, veado, paca...) e pescavam peixe. Há na aldeia grande fartura de mamão que os índios comem sobretudo de manhã e de noite, junto com farinha de milho.

Muitas vezes as refeições são comunitárias, isto é, os membros da mesma parentela comem em companhia. O convite é feito através de um característico grito emitido por um homem da família que preparou. Logo, todos se reúnem, comem alegremente e depois a refeição termina com um charuto que uma criança passa de um para outro, depois de um trago; antes ~~que~~ os homens (mesmo que estejam misturados num círculo) e depois as mulheres.

6. O ARAWETÉ É RELIGIOSO ?

Não conhecendo a língua, foi difícil conversar adequadamente sobre o assunto. Soubemos que na linguagem araweté existem as palavras "rezar", "deus" e que há uma idéia de vida eterna.

Não conseguimos verificar - observar manifestações de culto ou pajelança.

Assistimos às danças típicas que poderiam ter um significado religioso.

Os araweté têm um tipo de dança lento, calmo, todo mundo abraçado, cantando baixinho e olhando para o céu enquanto oscilam de um lado para o outro e, sempre lentamente, andam em forma circular pela praça.

As mesmas palavras e músicas das danças são cantadas durante o trabalho, embalando a criança, etc...

Nos disseram que frequentemente o pajé passa de noite pela aldeia batendo com uma vara o chão para afastar os espíritos e as doenças.

7. NOTAS CONCLUSIVAS

A impressão que tivemos no fim de nossa visita foi altamente positiva. A aldeia dos Arawet-é é ainda pouco "condicionada" pela sociedade envolvente e por isso poderia ser feito um ótimo trabalho de estudo--conhecimento--aprofundamento da cultura deste povo em vista de uma evangelização que não violenta esta cultura e/ou os valores que tem.

A aprendizagem da língua não é fácil. Os índios não sabem português. O pessoal atual da FUNAI, apesar de estar aí há muitos anos, não conhecem quase nada da língua araweté. Contudo, conseguimos captar e escrever precariamente umas trezentas palavras, cuja pronúncia oferece grande dificuldade pela riqueza de guturais, dentais e aspiradas.

A recepção do pessoal da FUNAI a nosso respeito foi boa. Nos ofereceu uma casa de madeira para morar, com sanitário e banheiro! A comida também foi oferecida por eles e era até gostosa.

Atualmente, na aldeia falta o chefe do posto, flechado pelos Parakanã. Os dois atendentes, já aposentados e cansados por tantos anos de convivência entre os índios, não têm as condições que seriam necessárias na situação desta aldeia.

Um dos dois atendentes, o mais velho, se preocupa só com a roça e sua limpeza. O outro tem que assumir todas as tarefas que a situação exige: cozinheiro, enfermeiro, pedreiro, chefe de posto, etc... naturalmente com grande nervosismo...

8. UNS FATOS CURIOSOS;;;

Uma mulher deu à luz um filho enquanto estava na roça. O marido dela cortou o cordão umbilical com o facão e depois ela voltou para a aldeia com a criança no colo... Dois dias depois, ela já andava pela aldeia.

Uma noite, um índio estava deitado numa esteria perto do fogo com dor de dentes... Um outro índio aproximou-se, amarrou um fio de algodão no molar e lhe arrancou o dente sem que o paciente desse um só lamento...

As meninas furam as orelhas com uma agulha na hora, quantas vezes você quiser... Parece que não sintam dor nenhuma.

Quando alguém mata um veado, um porcão, etc....., chegando na aldeia joga o animal no chão. Um outro índio tira o couro e limpa o animal. Depois, todo mundo pode se servir. O caçador desaparece, vai para a casa dele e na hora da refeição ele come no seu grupo como qualquer outra pessoa da aldeia.